

MESA I

A CRIAÇÃO DA SUDENE

FRANCISCO DE OLIVEIRA

Esta é uma sessão nostalgia. Vejo aqui, diante de mim, companheiros como Juarez Faria, José Maria Aragão, parte da armada de Brancalione que o Celso encarapitou no último andar do edifício Tereza Cristina, Cavaleiro Andante, para combater os moinhos de ventos satânicos do latifúndio, da miséria e da opressão. Ninguém acreditaria que naquele edifício ainda desocupado do Recife, no fim dos anos 1950, havia 20 malucos, liderados por um maluco ainda maior, tentando mudar uma velha estrutura de 400 anos.

Cinquenta anos depois, poderíamos estar aqui comemorando uma vitória, mas esta é a comemoração de uma derrota. Porque a região, apesar de alguns progressos, continua submetendo a maior parte de sua população à miséria, à opressão, à vida sem sentido. Celso poderia ter sido o Juan Rulfo da literatura brasileira, aquele novelista mexicano sem par que resumiu a tragédia do camponês mexicano na solidão de almas penadas, vagando em torno de sua própria existência. Ele preferiu os caminhos racionais, como weberiano que era.

Quem diria! Arremeteu contra os moinhos de vento, o que lhe custou, depois, dez anos de cassação de direitos políticos. Não foi uma invenção de Furtado, já que estamos falando da criação da Sudene. Embora seja dos intelectuais brasileiros aquele que mais se parece com a imagem grega de Minerva, na verdade, uma longa luta social acumulava-se aqui, provocando tensão nas velhas estruturas: o Congresso de Salvação do Nordeste, por volta de 1954, depois a primeira Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que fez 50 anos três anos atrás, cuja figura ímpar já era Helder Câmara, embora fosse bispo

auxiliar do Rio de Janeiro. O próprio Banco do Nordeste é uma criação varguista ousada, mas rebaixada pelo coronelismo “pessedista” do Ceará. Havia várias tentativas.

Por que o ovo não saia da galinha? Porque a criação da Sudene não está no Nordeste. A criação da Sudene, como ato perfeitamente jurídico e como criação institucional, é daqui. Mas, ela só pôde ocorrer porque as tensões no capitalismo do Sudeste se aguçavam a um ponto que fazia do Nordeste, como diria Lênin, um autor em desuso, o “elo mais fraco da cadeia”. Foi a industrialização acelerada do Centro-Sul (expressão que Celso cunhou para designar aquela região), compreendendo Rio, São Paulo e Minas, e um pouco se estendendo até o Paraná, aquela promessa “kubitschekiana”, que parecia completamente aloprada, de “50 anos em cinco”, que efetivamente se realizou e destampou a caixa de pandora. E o Nordeste recebeu esse impacto negativo nas várias formas em que a literatura assinala.

Aliás, devemos agradecer a Amélia Cohn por ser a primeira acadêmica do Sudeste a tratar da questão regional. Uma das pesadas heranças do Brasil é que São Paulo é hegemônico, e é uma hegemonia inconclusa e uma hegemonia sem reflexão. A Amélia Cohn ousou, quando o tema regional não tocava nem as mentes nem os corações dos acadêmicos e pesquisadores ao sul da Bahia.

Então, foi um conjunto de circunstâncias que, como diria Gabriel Garcia Marquez, “são irrepetíveis para sempre”. Não adiantam novos esforços. Essa Pasárgada já morreu! É preciso enfrentar a questão do Nordeste de outro ângulo. Não se trata mais de integração à economia brasileira. Ela já é perfeitamente integrada. Não se trata mais de incentivos fiscais, e esse é um mecanismo que foi usado “a torto e a direito”, perdendo sua eficácia e transformando-se apenas num valhacouto de ladrões do erário público. Se trata de quê, agora? Trata-se daquilo que ficou devendo. Trata-se da questão social. E não só no Nordeste, mas em todo o Brasil, porque a gente reivindica o galardão horroroso das cidades, região mais miserável do Brasil. Mas não é mais verdade. A nova miséria está em São Paulo nas favelas Heliópolis e Paraisópolis, que pela ironia popular têm os nomes mais gloriosos. Paraisópolis é realmente um paraíso. Paraíso do tráfico da droga e da bandidagem. Heliópolis, como o nome já diz, é a cidade do sol. Ali é a cidade da sombra.

A miséria maior hoje é urbana. E é nesse contexto que a questão do Nordeste deve ser enfrentada, senão ela não terá resolução. Não resgatemos agora essa celebração para de novo encher as burras da dilapidação dos recursos públicos,

da depredação do Estado brasileiro! É preciso recuperar essa história. É preciso dar-lhe uma nova orientação. Celso veio e combateu a política hidráulica, a política das secas; com uma certa injustiça, pois o DNOCS não era um valhacouto de ladrões. Na sua parte melhor, o DNOCS empreendeu o maior esforço científico, digamos com todas as palavras, para conhecer essa região. E tinha homens públicos da maior grandeza. A parte ruim estava na parte das obras públicas. Eu conheci um político potiguar que morava no Rio e fazia um açude que não terminava nunca. A água terminava, mas o açude... nunca! Qual era o sinal de nobreza desse ladrão? O sinal de nobreza dele, à moda dos gângsteres de Chicago, era que nenhum visitante que ia à casa dele era recebido com uma garrafa de uísque já aberta. Para cada visitante ele abria uma nova garrafa de uísque! À custa do açude que se financiava no Rio Grande do Norte.

Celso combateu essa visão – e daí a originalidade de suas proposições – e engatou o Nordeste na corrente dinâmica da economia brasileira, que se transformava na região que ele chamou de Centro-Sul. Deu certo? Parcialmente deu certo. O Nordeste, de exportador de capitais se tornou importador de capitais. E nos anos de auge, para cá vieram as principais empresas do Brasil e até algumas estrangeiras. Mas, deu certo? Não, não deu certo. É um fiasco irreparável! Primeiro porque – pelas suas próprias análises nesse livro clássico, *Formação econômica do Brasil*, cujos 50 anos também estamos comemorando – o caminho da perversão já estava apontado. O desenvolvimento se faria com uma enorme concentração de renda. Portanto, aqui a reprodução do modelo geraria os mesmos efeitos.

Comemorávamos naqueles anos os projetos que ousavam transpor a fronteira. Lembro-me bem das discussões havidas. A gente discutia o “sexo dos anjos”. A Brahma candidatou-se a um projeto no Nordeste. Então discutíamos se nós deveríamos incentivar o nordestino a beber Brahma ou a não beber Brahma. Chegaram os Piratas do Caribe. Discutiu-se dias e quase meses a fio se os incentivos deveriam ser dados ou não ao Rum Bacardi. Onde está o Rum Bacardi agora? Aspiraram o erário público, multiplicaram-se e foram embora. Por aí não vai dar mais certo. Deixemos de saudades ruins! Faz alguns anos que eu vim aqui, num evento como este, e o Nordeste chorava por dom Sebastião, que se foi em 2004. Agora é preciso não chorar mais por dom Sebastião. Agora é preciso fazer e travar a batalha que ele não travou. Ao contrário da maioria dos nordestinos que estão aqui – que todos somos autonomistas, todos reivindicávamos a independência do Nordeste em relação ao Brasil –, Celso

nunca entrou nesse engano. Ele dizia, tal como Luiz Felipe de Alencastro – que está aqui e pode nos confirmar –, que a grande façanha brasileira tinha sido preservar uma unidade nacional desse porte e desse tamanho que nos viabilizaria para o futuro. De modo que nunca houve nenhum projeto autonomista patrocinado pelo nosso patrono. O seu projeto era integrar.

As circunstâncias políticas naquela conjuntura já foram muito debatidas. Sabemos que houve de um lado as forças do latifúndio e do outro as forças que queriam engatar na nova dinâmica nacional. Dois anos depois, estavam todos do mesmo lado, e só o “cavaleiro andante com seu Rocinante” – e o “Rocinante” éramos nós, eu, José Maria Aragão, Juarez Farias – montava em cima da gente, tocava o burro, para fazer as tarefas necessárias. Ficaram ele e seus “Rocinantes”, e do outro lado a perdulária burguesia nordestina, a feroz classe de latifundiários. Eu vi isso no dia do golpe de 1964, quando entrei com Celso Furtado no gabinete do general Justino Alves Bastos. À entrada do seu gabinete havia um “corredor polonês”, certos de que veriam Celso e o seu “Sancho Pança” saírem de lá algemados. Era toda a canalha pernambucana, classe perdulária e destrutiva que perdeu o bonde da história e ainda não sabe! Nas colunas sociais riem como cretinos! Estavam todos eles lá para aplaudir a nossa prisão.

Nós saímos de lá ainda soltos. Eu, três dias depois, conheci as prisões do Estado Novo brasileiro que ainda persistiam no Brasil. Estavam todos do lado de lá. E houve um fato que a literatura nunca colocou em evidência, talvez nem na ex-União Soviética isso tenha acontecido. Aqui, houve um comício na Praça da Independência em que a população pedia o Plano Diretor da Sudene! Parece só um detalhe, mas era um verdadeiro clamor popular dando força a essa instituição. Nesse clamor popular, Cid Sampaio, que então era o governador, saiu debaixo de vaia! Mas veio o “velho Nordeste” e garantiu Cid Sampaio. Foi o “alagoano da metralhadora” quem conseguiu tirar Cid do comício, senão ele seria massacrado. Foi Tenório Cavalcanti com sua capa preta e sua “lurdinha” debaixo da capa preta. Isso é uma coisa fantástica! Jamais houve na história, pelo menos conhecida, uma mobilização popular por um plano diretor. Circunstâncias, e uma conjuntura muito especial, criaram essa instituição. Elas são irrepetíveis!

O meu herói favorito, Karl Marx, disse que a história a primeira vez é uma tragédia, a segunda vez é uma farsa! Tudo mais que se fez depois são farsas, e a capacidade de ver o futuro como a que Celso tinha era algo quase inexplicável. Assis Chateaubriand disse dele uma vez, numa conferência na Escola de Engenharia, que ele era “o Antônio Conselheiro de fraque”. Algo nisso era

verdade. Ele previu. Todo mundo reclamava: “mas dr. Celso, a Sudene precisa construir sua sede”; e ele dizia, “toda vez que uma instituição começa a pensar na sua sede, ela começa a morrer”. Aqui, na Cidade Universitária, está o monumento do desastre! Quem o habita? Certamente alguns dos habitantes mais constantes desta cidade quente: moscas e muriçocas! Porque a paixão reformista fundada na capacidade weberiana da razão desapareceu dos seus corredores.

É preciso propor a nova questão do Nordeste de outra maneira. Não mais da velha maneira. A velha maneira fez água, e fez água no Brasil todo. Não comecemos o Bolsa-Família! O Bolsa-Família é um sinal de fiasco, é um sinal de desastre! Não é um sinal do resgate da dignidade do povo pobre. É o sinal de que todos os mecanismos, instrumentos e políticas do desenvolvimento capitalista nessa direção falharam miseravelmente! A perspectiva, portanto, tem de ser outra, ainda reformista. Ainda reformista porque, enquanto os de baixo aguentam a opressão dos de cima, revolução não se pode fazer. Só quando os de baixo não aguentarem mais a pressão dos que estão em cima é que o caminho das revoluções estará aberto. Lembrem-se da história: todo revolucionário começou como reformista. O tempo nos roubou dom Sebastião. Se ele tivesse os dons de Matusalém, certamente terminaria sendo um revolucionário.

A melhor comemoração que se pode fazer dos 50 anos desta instituição não é voltar simplesmente aos livros de Furtado. Os livros de Furtado são o ponto de partida, não mais o ponto de chegada. O ponto de chegada está para além das políticas desenvolvimentistas. O ponto de chegada estará numa poderosa vocação radical e reformista capaz de jogar para a lata do lixo a obscena desigualdade brasileira. O Nordeste nem é mais o seu emblema.

Aqui, quando Celso chegou, depois de uma longa ausência do Nordeste, ele me disse um dia: “Francisco, eu quero ver a miséria do Recife”. Não é um espetáculo agradável para quem já frequentou os Champs Élysées. Eu o levei para o Coque. O Coque era o emblema do desastre do Recife. O Coque até desapareceu, porque esse magríssimo, quase invisível, aquele que ninguém sabe o que pensa de coisa alguma, que foi vice-presidente da República por oito anos e vai passar pela história como sábio porque nunca falou nada, reformou a Avenida Agamenon Magalhães e o Coque desapareceu. O Coque está hoje em Paraisópolis e Heliópolis, no morro da Providência no Rio – quer dizer, a questão brasileira, hoje, é outra. É outra. É para além e não aquém. Não é para

voltar aos livros de Furtado e encontrar ali a solução. Não está mais ali.

Nós não podemos celebrar os 50 anos da Sudene e os 50 anos de *Formação econômica do Brasil* procedendo ao contrário do que Furtado fazia. Ele era o anti-homem cordial. Jamais, aqui nesta cidade acostumada aos salamaleques vagabundos dessa burguesia perdulária, ele compareceu a um evento desses “troca-troca” de amabilidades. O anti-homem cordial recusaria uma celebração nostálgica. Façamos honra à sua memória e a esse empreendimento “quixotesco” que naufragou na imensa “La Mancha” que é o Nordeste latifundiário! Sem isso, é melhor não voltar a comemorar nada. Desculpem a emoção. Não dá para falar. Muito obrigado.